

acabado, em 1929, pela mão de José Maria Eça de Queirós, filho do escritor.

Maria do Rosário Cunha

EÇA DE QUEIROZ REVISITADO.

PROPOSTAS DE LEITURA

MARIE-HÉLÈNE PIWNIK

Guimarães: Opera Omnia, 2012

358 páginas, ISBN 9789898309303

Ao reunir artigos, ensaios e comunicações, escritos nos últimos vinte anos, sobre a obra de Eça de Queirós, Marie-Hélène Piwnik publica um trabalho que, se outras qualidades não revelasse, constituiria, desde logo, um importante contributo para o campo dos estudos queirosianos, evidenciando uma sensibilidade de leitura fora do comum e um excecional conhecimento dos textos queirosianos.

Académica de renome, Marie-Hélène Piwnik tem dedicado grande parte das suas investigações ao estudo da obra de Eça de Queirós, por quem confessa uma predileção de longa data, que lhe tem permitido voltar incessantemente à palavra e ao texto deste romancista português. *Eça de Queiroz revisitado* é, pois, uma dessas viagens de regresso à obra literária e paraliterária de Eça, em que a autora ensaia uma releitura de conjunto do discurso queirosiano, através da compilação, reescrita e reordenação de ensaios e artigos, produzidos ao longo de duas décadas sobre a narrativa, as ideias e a forma queirosianas.

Num aturado e hábil labor de rearticulação de textos anteriores, a autora oferece uma revisitação de temas e de obras do escritor oitocentista, talvez menos exploradas. Esta revisitação começa em “Farsas”, folhetim dominical publicado no final da década de 60 na *Gazeta de Portugal*, e vai até romances como *A cidade e as serras* ou *A ilustre casa de Ramires*, incluindo a intensa colaboração do autor na imprensa do seu tempo, bem como o seu abundante epistolário. Cada texto desta obra constitui-se como um estádio, num progressivo e circunstanciado processo de exploração de sentidos em permanente construção, conferindo-se, no final, uma coesa perspetiva de conjunto. Não se trata, portanto, de uma compilação memorialista mas antes de uma reorganização de estudos que, no entanto, teria beneficiado de uma conclusão, em que fosse claramente exposto o desejado “significado global” da releitura conjunta dos ensaios.

Assim, este livro orienta-se para o duplo propósito de agregar leituras e interpretações, que a autora foi retirando do estudo da obra queirosiana, e de atingir novas conclusões resultantes do cruzamento de perspetivas e da reorganização dos ensaios.

Percorrendo sobretudo os textos de início e fim de carreira do escritor, Marie-Hélène Piwnik como que atravessa várias décadas de trabalho literário de Eça, em busca de uma chave de decifração para a compreensão da “trajetória de um dos maiores escrito-

res europeus do século XIX” (p. 14). Interessantes se revelam os títulos escolhidos para os quatro capítulos da obra, reveladores, em parte, de um processo de leitura em construção: “Interpretações de *A ilustre casa de Ramires*”, “Variações sobre *A cidade e as serras*”, “Vagabundeando por ‘Farsas’ e *Contos*” e, finalmente, “Refletindo sobre um percurso intelectual e ideológico”. Títulos que ilustram, em última instância, a peculiaridade desta obra, quer no que ao *corpus* queiroziano diz respeito, mercê da variedade genológica e da amplitude temporal de textos consultados e interpretados por alguém que se movimenta com um enorme à-vontade na obra de Eça; quer em termos de intertextualidade, optando a autora por enquadrar sempre o escritor na Europa do seu tempo, realçando os diálogos que Eça desenvolveu com outros homens de letras contemporâneos; quer ainda em termos metodológicos, preferindo-se um registro deambulante, adequado a um pensamento em permanente construção. É, aliás, a própria autora quem o explicita, na breve “Nota Prévia” que abre a obra: “a variedade dos públicos fez com que se tivesse construído pouco a pouco o que eu chamaria de andaime, de preferência a edifício, a partir de elementos sobrepostos, por vezes repetidos, mas cujo conjunto se foi enriquecendo com esses agregados” (p. 14).

Na verdade, *Eça de Queiroz revisitado* convida o leitor a imergir, progressivamente, capítulo a capítulo, em sentidos, interpretações e leituras, cuja

articulação lhe permitirá, no final, problematizar novos significados sobre o percurso estético, ideológico e cultural de Eça de Queirós, desde que se assume na vida pública portuguesa, nos idos de 60, através dos “fantásticos folhetins” da *Gazeta de Portugal*, até ao final da vida, quando escreve *A cidade e as serras*. Assim, os dois primeiros capítulos são dedicados a dois romances finiseculares – *A ilustre casa de Ramires* e *A cidade e as serras* –, entendidos pela crítica como exemplares e paradigmáticos do que, comodamente, se tem apelidado de “último Eça”. O terceiro capítulo aborda sobretudo narrativas breves, forma que o escritor, como se sabe, acarinhou, não só por se adequar ao formato de imprensa, onde começou por publicar, mas, sobretudo, porque muitas dessas narrativas se constituíram como laboratórios de escrita, posteriormente desenvolvidas em romances, como a autora bem realça, demonstrando como a narrativa breve treina o escritor na experimentação de estilos, de estruturas e de ferramentas narrativas. Desde “Farsas” a “José Matias” ou a “Singularidades de uma rapariga loira”, os quatro ensaios dedicados aos contos do escritor demonstram, de forma exemplar, o trabalho oficial que tão bem caracteriza Eça, bem como o lugar deste gênero na sua obra literária. Recorde-se que, na carta-prefácio que redige para *Azulejos*, do amigo Conde de Arnoso, em 1886, o autor se demora no elogio a este gênero narrativo: “No Conto tudo precisa ser apontado num

risco leve e sóbrio: das figuras deve-se ver apenas a linha flagrante e definidora que revela e fixa uma personalidade; dos sentimentos apenas o que caiba num olhar, ou numa dessas palavras que escapa dos lábios e traz todo o ser; da paisagem somente os longes, numa cor unida”. (“Carta Prefácio a *Azulinhos*”, in *Cartas Públicas*, ed. de Ana Teresa Peixinho, INCM, p. 198).

No último capítulo, Marie-Hélène Piwnik incide, sobretudo, em questões relacionadas com o perfil intelectual e ideológico de Eça, convocando um conjunto de sentidos agregadores, resultantes dos capítulos precedentes, e oferecendo uma análise diacrónica da obra paraliterária do escritor, iniciada no *Distrito de Évora*, jornal que o então jovem Eça redigiu totalmente sozinho, e prosseguida na epistolografia finissecular, por onde se disseminam as modulações do ideário estético queirosiano. Cremos que a especificidade da leitura aqui oferecida reside, especialmente, na dimensão internacionalista do enfoque. Evidenciando um profundo conhecimento da história da Europa oitocentista, bem como da sua literatura, a autora realça e analisa as imagens dispersas da cultura e história europeias da época, disseminadas nos artigos de imprensa de Eça, autor que, como é sabido, desde muito cedo se preocupou em transcender os limites nacionais. Por fim, os dois últimos ensaios deste penúltimo capítulo são dedicados a um outro Eça: aquele que, nas últimas décadas do século, revê

posicionamentos, conceitos artísticos e procedimentos narrativos. Contudo, como salienta a Autora, este “último Eça” simboliza um “verdadeiro *regressus ad uterum*”, insistindo-se nos diálogos entre o jovem e principiante escritor do jornal eborense e o romancista maduro que pressente a alvorada de um novo tempo.

Pensamos que o interesse desta obra se desdobra essencialmente em duas componentes: uma que diz respeito à latitude do *corpus* em análise, já que a autora, beneficiando do seu profundo conhecimento dos textos de Eça, nos coloca em permanente diálogo com contos, romances, artigos e cartas, propiciando uma visão poliédrica da complexidade de sentidos, revelados pela leitura dos textos; outra componente, decorrente do enquadramento escolhido, traça a ponte entre o escritor e o seu tempo, projetando um Eça que foi, acima de tudo, um cidadão da Europa oitocentista, em permanente contacto com as realidades de outros países, quer por obrigações profissionais, quer pela leitura da imprensa europeia, quer ainda pelas influências dos seus congéneres internacionais.

Em suma, *Eça de Queiroz revisitado* oferece ao público um exercício de reorganização textual, permitindo-lhe aceder a conclusões interessantes sobre a evolução estética e ideológica de Eça, através do estudo continuado de uma queirosiana ao longo de duas décadas.

Ana Teresa Peixinho